Ilustrações de JÚLIO RESENDE

LER+ PLANO NACIONAL DE LEITURA
Livro Recomendado

Outras obras da Autora na Salamandra:

Histórias da Terra e do Mar (1.ª e 2.ª edições)
No Tempo Dividido e Mar Novo (edição revista e ampliada)
Livro Sexto (6.ª edição)
O Nome das Coisas (2.ª edição)
Dual (3.ª edição)

A42
LP 87-93 AND

Sophia De Mello Breyner Andresen

O rapaz de bronze

Ilustrações de
Júlio Resende

8.ª edição

FUNDAÇÃO C. HENRIQUE SUBERANIA

Edições
Salamandra

© Sophia de Mello Breyner Andresen e Edições Salamandra, Lda.

Arranjo gráfico: Avenida Designers

Editor: Edições Salamandra, Lda.
Av. da República, 95, 3.°
1000 Lisboa

Fotocomposição e montagem: Selecromo

Impressão: Rolimpre

Distribuição: AUDIL – Distribuição de Livros e Material Audiovisual, Lda.
Rua Cidade de Cádiz, 14-B
1500 Lisboa

Data: Novembro de 1987

Dep. Legal

I

As flores

Era uma vez um jardim maravilhoso, cheio de grandes tílias, bétulas, carvalhos, magnólias e plátanos.

Havia nele roseirais, jardins de buxo e pomares. E ruas muito compridas, entre muros de camélias talhadas.

E havia nele uma estufa cheia de avencas onde cresciam plantas extraordinárias que tinham, atada ao pé, uma placa de metal onde o seu nome estava escrito em latim.

E havia um grande parque com plátanos altíssimos, lagos, grutas e morangos selvagens. E havia um campo com trigo e papoilas, e um pinhal onde entre mimosas e pinheiros cresciam urzes e fetos.

Ora num dos jardins de buxo havia um canteiro com gladíolos.

Os gladíolos são flores muito mundanas. E aqueles gladíolos achavam que o lugar mais chique do jardim era esse jardim de buxo onde eles moravam.

— Os jardins civilizados — diziam eles — são sempre jardins de buxo.

Perto dos gladíolos estava um caramanchão com glicínias e bancos de azulejos.

— Nos jardins antigos — diziam os gladíolos — há sempre azulejos.

Os buxos, quando ouviam isto, sorriam e murmuravam com voz de buxo, que é uma voz pequenina, húmida e verde.

— Nos jardins antigos havia buxo e azulejos mas não havia gladíolos.

Pois a raça dos buxos é antiga mas a dos gladíolos só começou a estar à moda nos últimos trinta anos.

Mas os gladíolos gostavam muito de ser gladíolos e achavam-se superiores a quase todas as outras flores.

Diziam eles que as rosas eram flores sentimentais e fora de moda e que os cravos cheiravam a dentista. Tinham grande desprezo pelas papoilas e pelos girassóis, que são plantas selvagens. E das flores da urze e das flores de tojo do pinhal diziam que nem eram flores.

— São uma espécie de ervas cheias de picos! — afirmavam eles.

Os gladíolos admiravam secretamente as camélias mas não tinham muita consideração por elas: achavam que elas eram esquisitas e irritantes. As camélias são muito diferentes dos gladíolos: são vagas, sonhadoras, distantes e pouco mundanas. Estão sempre semiescondidas entre as suas folhas duras e polidas. Mas os gladíolos admiravam as camélias por elas não terem perfume, pois, entre as flores, não ter perfume é uma grande originalidade.

As flores por quem os gladíolos sentiam realmente grande consideração eram as flores estrangeiras da estufa que têm o nome escrito numa placa de metal atada ao seu pé com um fio de ráfia.

Infelizmente as flores de estufa saíam pouco, porque tinham medo de se constipar. À noite, quando as outras flores passeavam, as flores de estufa ficavam em casa. Só às vezes em Agosto davam uma volta. Mas quando não saíam recebiam visitas. E os gladíolos iam muitas vezes à noite visitar as flores de estufa. No dia seguinte contavam aos buxos:

— Ontem fui visitar a minha amiga Orquídea e a minha querida Begónia.

Os buxos riam baixinho e faziam troça. Mas a voz dos buxos é tão pequenina e tão murmurada que os gladíolos, que estão sempre a falar com voz alta e barulhenta, nem os ouviam, e não percebiam que os buxos não tomavam a sério a sua vida mundana.

Mas as flores que os gladíolos amavam realmente, as flores por quem os gladíolos tinham uma admiração sem limites, eram as tulipas. Com as tulipas os gladíolos chegavam a ser subservientes e punham de parte a sua vaidade. No Inverno o jardineiro, enquanto enterrava no chão os bolbos gordos das tulipas, dizia:

— Nas lojas da cidade uma dúzia de tulipas vale uma fortuna.

Mas no coração de um gladíolo uma tulipa valia muito mais.

— Dão-me muito trabalho as tulipas — dizia o jardineiro humildemente curvado sobre a terra escura onde o bolbo das tulipas germinava.

E o único desgosto da vida dos gladíolos era não serem tulipas. Porque

as tulipas são caras, raras e muito bem vestidas. O seu feitio é simples, exacto e claro. As suas cores são ricas e sumptuosas. As suas pétalas são as pétalas mais bem cortadas e mais bem armadas que há no jardim. Além disso as tulipas descendem todas em linha recta das tulipas holandesas do Príncipe de Orange. E isto é uma coisa que os gladíolos nunca esquecem.

Mas havia uma flor que os gladíolos detestavam. Era a flor do muguet.

O muguet é uma flor escondida. É uma flor pequenina e branca e tem um perfume mais maravilhoso e mais belo do que o perfume dos nardos.

Durante o Inverno ela dorme na terra debaixo das folhas secas e desfeitas das árvores. Dorme como se tivesse morrido. Mas na Primavera as suas longas folhas verdes furam a terra e crescem durante alguns dias até terem um palmo de altura. Então muito devagar as folhas vão-se abrindo e mostram à luz maravilhada as campânulas aéreas, brancas e bailarinas da flor do muguet. E o vento da tarde toma em si o perfume do muguet, leva-o consigo, e espalha-o no jardim todo.

Então tudo no jardim estremece e as grandes tílias e os velhos carvalhos e as flores recém-nascidas e as relvas e as borboletas dizem:

— É Primavera! É Primavera!

Só os gladíolos não gostam e dizem:

— Que flor tão exibicionista! Finge que se quer esconder, finge que é simples e humilde, finge que não quer que a vejam, mas depois transforma-se em perfume e espalha-se no jardim todo!

E à noite, quando vão à estufa visitar as begónias e as orquídeas, os gladíolos fecham a porta para não sentirem o perfume da flor do muguet.

II

O gladíolo

Ora um dia naquele jardim nasceu um gladíolo ainda mais mundano do que todos os outros gladíolos.

Quando começou a abrir a sua primeira flor estava o jardineiro a colher gladíolos.

— Vamos para uma festa — disseram os gladíolos colhidos, que estavam em molho dentro de um cesto.

— Que inveja! — disse o Gladíolo.

E foi a sua primeira palavra.

Em seguida, enquanto o jardineiro se ia embora com o cesto cheio de gladíolos cortados, o Gladíolo olhou para si próprio e pensou:

— Sou um bonito gladíolo!

Depois, olhou para as outras plantas e disse:

— Bom dia, minhas caras amigas.

— Bom dia, bom dia — responderam as flores e as plantas.

— Os gladíolos — disse a glicínia — estão à moda. Estão sempre a ser colhidos. Ainda são mais colhidos do que as rosas e os cravos. Nós nunca somos colhidas porque somos muito difíceis de pôr numa jarra.

O Gladíolo, a partir desse momento, compreendeu que havia duas espécies de flores: as que são colhidas e as que não são colhidas. E pensou:

— Que sorte eu ser um gladíolo! Que sorte eu estar à moda, que sorte eu ir ser colhido!

E pôs-se a arrumar bem as suas flores.

Mas daí a dias o Gladíolo teve um desgosto: a dona da casa veio de manhã ao jardim e disse ao jardineiro que estava a podar o buxo:

— Não quero que colhas mais gladíolos este ano. Estou farta de gladío-

os. Em todas as festas onde vou só há gladíolos.

— Bem — disse o jardineiro. — Não colho mais gladíolos este ano.

— Que tristeza, que raiva, que pouca sorte! — pensou o Gladíolo muito zangado.

Mas resolveu consolar-se.

À noite foi à estufa visitar a Orquídea e a Begónia. Na véspera tinha lá estado a despedir-se.

Tinha dito com ar importante:

— Queridas amigas, venho despedir-me porque me parece que amanhã devo ser colhido.

De maneira que a Begónia e a Orquídea ficaram muito espantadas quando o viram aparecer.

— Então não foste colhido? — perguntaram elas.

— Não, a dona da casa acha que os gladíolos fazem muita falta no jardim e deu ordem ao jardineiro para não os cortar.

— Óptimo — disse a Orquídea — íamos sentir muito a tua falta.

— Já estávamos cheias de saudades — disse a Begónia.

— Obrigado, obrigado, minhas amigas! — agradeceu o Gladíolo.

— No fundo — disse a Orquídea — será bom ser colhido?

Então começaram os três a discutir e foi uma conversa muito demorada e muito filosófica mas não chegaram a conclusão nenhuma.

Por fim o Gladíolo cansado de filosofias despediu-se. Foi andando pelos caminhos sob a luz do luar. No fundo do seu coração continuava cheio de pena de não ter sido colhido. Passou perto da casa e parou.

— Vou espreitar a casa — pensou ele — o jardineiro disse que hoje havia visitas.

E aproximou-se de um carvalho antiquíssimo cuja vasta ramagem quase tocava os muros da casa.

Pelas janelas abertas e iluminadas saía a música que se espalhava e flutuava no jardim como um perfume.

— Olá, Gladíolo — disse o Carvalho — então ainda não te colheram?

— Não — respondeu o Gladíolo — não posso ser colhido; faço falta no jardim.

— Vieste espreitar a festa? — perguntou o Carvalho.

— Vim, mas daqui vejo pouco.

— Se quiseres podes sentar-te nos meus ramos — ofereceu o Carvalho.

— Obrigado — disse o Gladíolo — aceito o convite.

Então o Carvalho com um dos seus ramos apanhou-o do chão e instalou-o entre as suas folhas em frente de uma janela aberta.

Lá dentro viam-se homens todos vestidos de preto e senhoras todas vestidas de sedas claras, com brincos nas orelhas e colares no pescoço. E todos riam, conversavam e dançavam.

— Que luxo, que elegância, que riqueza! — exclamou o Gladíolo.

— Sabes — disse o Carvalho — eu sou muito velho, há muitos anos que estou aqui em frente desta janela, tenho visto tantas festas que já nenhuma me espanta.

— Conheces as pessoas que estão lá dentro?

— Conheço-as quase todas.

Nesta altura apareceram na varanda um homem novo e uma mulher de cabelo preto que tinha um vestido de cetim amarelo.

— Quem são? — perguntou o Gladíolo.

— Ela é a mulher mais chique e mais bem vestida desta terra. É uma espécie de tulipa. Ele é um snob.

— O que é um snob? — perguntou o Gladíolo.

— É uma espécie de Gladíolo.

— Que fazem os snobs?

— Têm muitos amigos e são muito convidados e por isso toda a gente gosta muito deles e os convida muito.

— Que vida extraordinária! — suspirou o Gladíolo.

A senhora e o snob desapareceram e a varanda ficou uns instantes vazia.

Daí a pouco tornou a aparecer o snob com duas senhoras pelo braço, uma vestida de lilás e outra magra, alta, e vestida de preto.

— Quem são? Quem são? — perguntou o Gladíolo.

— São estrangeiras — respondeu o Carvalho — a que está vestida de lilás é inglesa e é uma espécie de Begónia; a que está vestida de preto é americana e é uma espécie de Orquídea. É riquíssima, tem uma casa toda feita de vidro como uma estufa e conhece os snobs do mundo inteiro.

— São muito interessantes — disse o Gladíolo.

E assim pela noite fora iam aparecendo pessoas na varanda e o Gladíolo perguntava sempre:

— Quem são? Quem são?

E o Carvalho ia explicando.

Até que as pessoas se foram embora e a música se calou e as salas se esvaziaram e uma por uma cada luz se apagou.

— Ah! — disse o Gladíolo — tenho uma ideia!

— Sim? — interrogou o Carvalho.

— Vou dar uma festa!

— Uma festa?

— Sim, uma festa de flores igual às festas das pessoas. Vou dar uma festa à noite aqui no jardim.

— É uma ideia — disse o Carvalho sem entusiasmo porque estava velho e não gostava de novidades.

— Vai ser maravilhoso! — prometeu o Gladíolo.

— Talvez. Mas é preciso saber se o Rapaz de Bronze dá licença.

— É verdade. Vou já falar com ele. Põe-me no chão.

O carvalho poisou-o no chão e o gladíolo pôs-se a caminho.

Porque a noite é diferente do dia.

E durante o dia as flores estão presas à terra e não se podem mexer. Mas a noite liberta as flores. E de noite as flores dançam e passeiam. E naquele jardim durante o dia mandavam a dona da casa e o jardineiro. Mas durante a noite mandava o Rapaz de Bronze.

Entre o roseiral e o parque, num lugar sombrio, solitário e verde, havia um pequeno jardim rodeado de árvores altíssimas que o cobriam com os seus ramos. No meio desse jardim havia um lago redondo sempre cheio de folhas. No centro do lago havia uma ilha muito pequena feita de pedregulhos e onde cresciam fetos. E no centro da ilha estava uma estátua que era um rapaz feito de bronze.

E durante o dia o Rapaz de Bronze não se podia mexer e tinha que estar muito quieto, sempre na mesma posição, porque era uma estátua. Mas durante a noite ele falava, mexia, caminhava, dançava, e era ele quem mandava nos jardins, no parque, no pinhal, nos pomares e no campo. E todas as árvores e

todos os animais e todas as plantas lhe obedeciam porque ele era o senhor do jardim e o rei da noite.

— Olá! — disse o Rapaz de Bronze quando viu aparecer o Gladíolo — que vens tu fazer a este lugar solitário?

— Preciso de te pedir um favor. Quero que me dês licença para eu organizar uma festa: uma festa aqui no jardim, uma festa de flores igual às festas dos homens.

— Uma festa igual às dos homens? Mas para quê? Nós não precisamos de mais festas. Para nós tudo é uma festa: é uma festa o orvalho da manhã, é uma festa a luz do sol, é uma festa a brisa da tarde, é uma festa a sombra da noite. As flores não precisam de outras festas. E eu também não.

— Uma festa para nos divertirmos — respondeu o Gladíolo.

— Não somos homens — disse o Rapaz de Bronze — não precisamos de nos divertir.

— Rapaz de Bronze — disse o Gladíolo — ninguém me colheu, e eu queria ir a uma festa. Preciso duma festa.

— Ai Gladíolo — disse o Rapaz de Bronze — pareces a Dona da Casa. Ela não sabe passear no jardim, nem repara na brisa da tarde, nem olha para as estrelas da noite. Só quer festas com muitas pessoas e muito barulho. Quando está sozinha murcha!

— Se eu não for a uma festa fico muito infeliz! Deixa-me organizar uma festa.

Então o Rapaz de Bronze viu que o Gladíolo estava com um ar muito melancólico e amachucado e teve pena dele e disse:

— Não estejas triste. Endireita as tuas pétalas. Podes fazer a festa.

— Obrigado, obrigado, obrigado Príncipe de Bronze — disse o Gladíolo curvando a haste — vou já começar a organizar tudo: vou já arranjar uma comissão de organização. A festa pode ser depois de amanhã à noite?

— Pode — concordou o Rapaz de Bronze. — É noite de lua cheia.

— Obrigado — disse o Gladíolo. — Tenho muito que fazer; vou-me embora depressa.

E foi-se dali correndo pelas ruas.

A meio do caminho encontrou o vento.

— Vento — disse ele — tenho pressa. Leva-me à estufa.

E o vento pegou no Gladíolo e levou-o pelo ar até à porta da estufa.
— Empurra a porta — pediu o Gladíolo.
O vento empurrou a porta e o Gladíolo entrou voando na estufa.
E o vento foi-se embora e a porta gemendo fechou-se sozinha.
— O que é isto? — perguntou a Begónia.
— O que é que aconteceu? — perguntou a Orquídea.
— Tenho uma notícia, tenho uma notícia! — gritou o Gladíolo.
E contou-lhes tudo.
A Begónia e a Orquídea ficaram muito entusiasmadas.
E começaram logo os três a discutir todos os detalhes da festa.
Combinaram que devia haver uma «Comissão Organizadora».
Discutiram muito para saber quem havia de fazer parte dessa Comissão.
Ao fim duma hora acabaram por fazer esta lista:

Comissão de Organização do Grande Baile de Flores.

Gladíolo
Orquídea
Begónia
Tulipa
Cravo
Rosa

O Gladíolo não queria a Rosa. Achava-a uma flor muito fora de moda. Mas a Begónia e a Orquídea declararam que era absolutamente preciso pôr a Rosa na Comissão.

Depois combinaram que na noite seguinte haveria uma reunião dos seis membros da Comissão no jardim do Rapaz de Bronze para resolverem todos os detalhes da festa.

O Gladíolo ficou encarregado de mandar recado à Tulipa, ao Cravo e à Rosa.

E como já era tarde ele despediu-se das suas amigas da estufa e voltou para o canteiro cercado de buxo.

III

Florinda

Na manhã seguinte, o Gladíolo chamou três borboletas e pediu-lhes que levassem um recado seu à Tulipa, ao Cravo e à Rosa.

— Digam-lhes da minha parte que se está a organizar uma grande festa e que elas fazem parte da Comissão Organizadora e que por isso eu lhes peço para virem esta noite ao jardim do Rapaz de Bronze.

As três borboletas partiram voando a levar o recado, mas pelo caminho foram poisando em muitas flores a quem iam dizendo a notícia. E logo o jardim se encheu dum rumor de conversas de flores.

E as borboletas mais tontas do que nunca voavam para todos os lados porque as flores as chamavam e pediam:

— Vem cá, Borboleta. Conta-me.

E as borboletas poisavam, contavam e davam voltas e reviravoltas. Mas por fim chegaram ao seu destino.

A Tulipa, o Cravo e a Rosa aceitaram o convite e responderam que nessa noite estariam no jardim do Rapaz de Bronze.

O Gladíolo passou um dia muito agitado. De todos os lados chegavam as borboletas com recados das outras flores.

— A Glicínia está muito escandalizada por não ser da Comissão — disse uma borboleta.

— A Gipsofila manda perguntar se vai ser convidada — disse outra borboleta.

O Gladíolo muito amável mandava recados simpáticos a todos os seus conhecimentos.

Estava agitadíssimo e baloiçava na haste como se fosse um dia de vento, imaginava mil planos, sacudia com impaciência as suas flores cor de laranja e

a terra que prendia o seu pé doía-lhe como uma grilheta apertada.

Até que anoiteceu.

O Gladíolo pôs-se a caminho.

Chamou pelo vento para o levar pelo ar, mas o vento não apareceu porque tinha ido viajar para as montanhas.

A noite estava azul e serena e as estrelas brilhavam sobre as grandes árvores escuras.

O Gladíolo foi o primeiro a chegar ao jardim do Rapaz de Bronze.

— Então a festa? — perguntou o Rapaz de Bronze.

— Já se organizou a Comissão de Organização.

— Óptimo!

— O tempo está bom! Nem uma aragem de vento arranjei para me trazer aqui.

— Vais ter uma noite maravilhosa para a tua festa — disse o Rapaz de Bronze.

Daí a instantes chegaram o Cravo e a Rosa.

— Boa noite — disseram eles.

— Boa noite — disseram o Rapaz de Bronze e o Gladíolo.

Logo a seguir chegaram a Orquídea e a Begónia.

— Boa noite! Falta a Tulipa — disse o Gladíolo.

— A Tulipa está sempre atrasada — disse o Cravo.

— Espero que não tenha havido confusão de recados. As borboletas são tão tontas! — disse o Gladíolo muito preocupado, espreitando as sombras da noite.

— Oiço passos — disse o Cravo.

Mas eram folhas caídas deslizando entre as relvas.

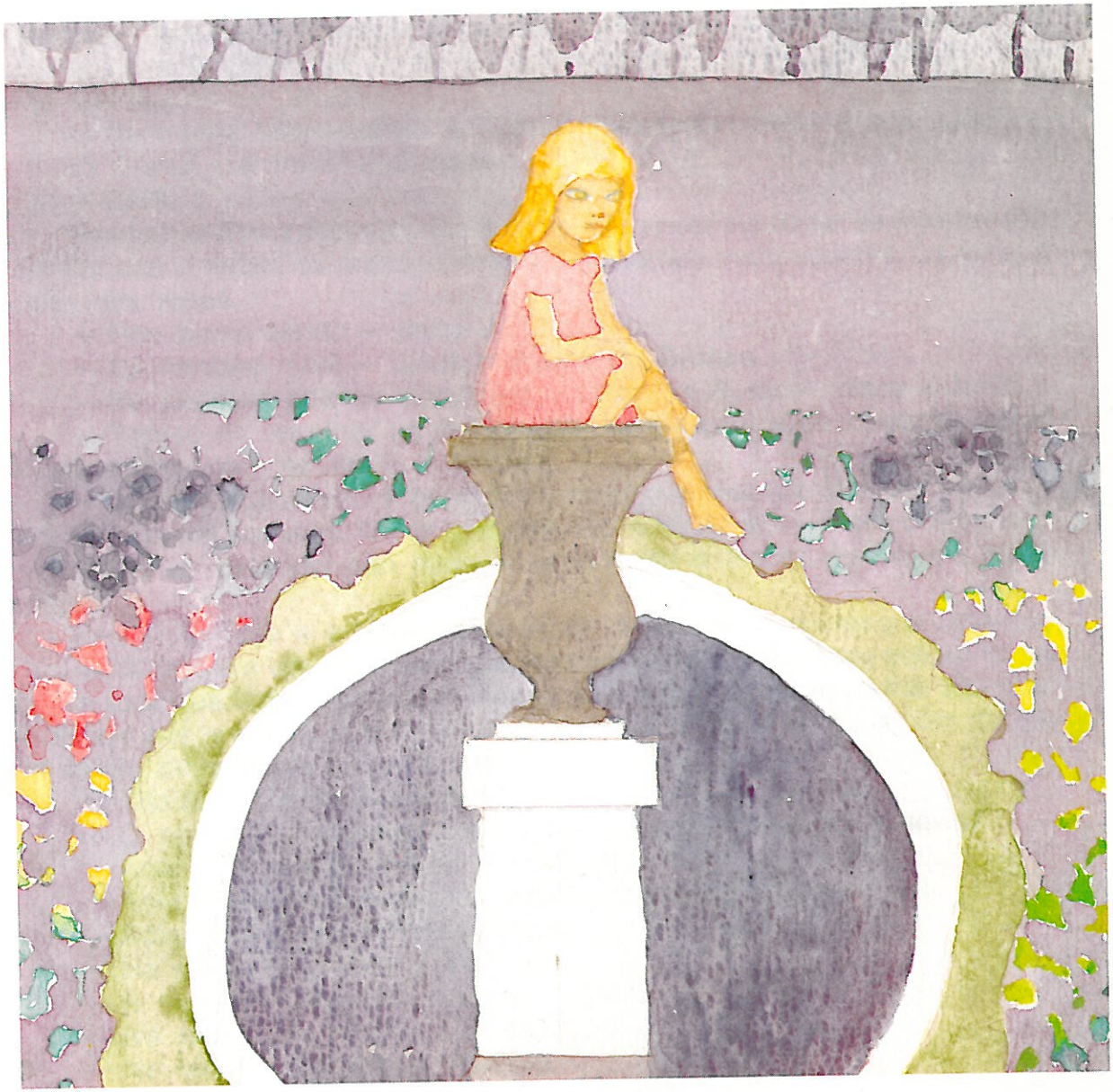
— Com certeza que houve confusão de recados — suspirou o Gladíolo.

— A Tulipa nunca chega a horas mas vem sempre. Não te aflijas — disse a Rosa.

Por fim a Tulipa chegou.

— Desculpem — disse ela — mas estava à espera do vento da noite para ele me trazer à garupa pelo ar, mas o vento da noite não apareceu. Por isso atrasei-me.

— Não tem importância nenhuma, minha querida amiga — disse o



Gladíolo. — Vamos já começar a reunião. Creio que o primeiro problema é saber quais as famílias que devem ser convidadas. Eu tenho uma lista de quarenta famílias.

— Na minha lista — disse a Tulipa — só tenho trinta e seis famílias.

O Cravo e a Rosa exclamaram:

— Oh!!!

Porque as flores chamam famílias às diferentes espécies: as violetas são a família das violetas, os malmequeres a família dos malmequeres, as rosas a família das rosas.

— Não compreendo — disse o Cravo.

— Eu também não! — disse o Rapaz de Bronze.

— Eu pensava que se convidavam todas as flores — disse a Rosa.

— Temos de escolher as flores mais bonitas, as mais célebres, as de melhor qualidade — explicou a Tulipa.

— Todas as flores são bonitas — disse o Rapaz de Bronze.

— Mas há algumas flores que não são bem flores — disse o Gladíolo.

— Todas as flores são flores — respondeu o Rapaz de Bronze muito zangado.

— Ah? O Tojo e a Urze também são flores? — perguntou a Begónia.

— O Tojo e a Urze — disse o Rapaz de Bronze — são flores maravilhosas porque todas as flores são maravilhosas. Mas um Tojo e um Nardo são diferentes e é por isso que o mundo é tão bonito. Eu sou o rei do jardim. Quero que sejam convidadas todas as flores.

O Gladíolo suspirou e disse:

— O segundo problema é este: onde é que há-de ser a festa?

— Aqui — propôs o Cravo.

— Acho um pouco longe — disse a Begónia.

— Acho um pouco triste — disse a Tulipa.

— Na estufa — propôs a Orquídea.

— É quente e abafado — disse o Cravo.

— No roseiral — propôs a Rosa.

— No ténis — propôs o Gladíolo.

— Ah! — disse o Cravo — tenho uma ideia: na Clareira dos Plátanos...

A clareira dos Plátanos ficava no meio do parque. Era um lugar maravi-

lhoso. Era um vasto espaço redondo todo cercado de altíssimos arvoredos. No fundo havia um pequeno lago oval e ao lado do lago havia um caramanchão romântico.

Em volta, à sombra dos plátanos, estavam velhos bancos de pedra cobertos de musgo. E, no meio da Clareira, havia uma grande jarra de pedra que antigamente tivera dentro dela terra e plantas. Mas as plantas tinham secado, o jardineiro tinha tirado a terra e a jarra de pedra estava vazia.

Todos concordaram que a Clareira dos Plátanos era o lugar ideal.

— O terceiro ponto a combinar — disse o Gladíolo — é a orquestra.

— Rãs — pediu a Begónia.

— Cucos e pica-paus — disse o Cravo.

— Rouxinóis — disse a Rosa.

— Melros, moscardos, sapos-tambores — disse o Cravo.

— Creio que o melhor será cantarem todos. Será uma orquestra magnífica e muito completa — disse o Gladíolo.

A comissão concordou.

— Agora — continuou o Gladíolo — temos de combinar a ornamentação da sala.

— Não é uma sala — disse o Cravo.

— Temos de combinar a ornamentação da clareira — emendou o Gladíolo.

— Não é preciso ornamentação — disse o Rapaz de Bronze. — As árvores e as estrelas não precisam de ser enfeitadas.

— Mas eu tenho uma ideia — disse a Tulipa.

— Diz lá — disse o Rapaz de Bronze.

— Pôr uma fileira de pirilampos à roda do lago.

— Estou de acordo — disse o Rapaz de Bronze.

— E na jarra de pedra o que se há-de pôr? Não pode ficar vazia. É feio uma jarra vazia — disse a Orquídea.

— Ah! — disse a Rosa.

— Ah! — disse o Gladíolo.

— Ah! — disse a Begónia.

— Ah! — disse o Cravo.

— Na jarra — disse a Tulipa — põem-se flores.

— Flores! — disse a Rosa indignada. — Flores somos nós.

— Esta festa não é uma festa de pessoas, é uma festa de flores — exclamou o Cravo muito zangado.

— Mas numa jarra tem que se pôr qualquer coisa. Uma jarra não pode ficar vazia — respondeu a Tulipa.

— Ah! — disse o Rapaz de Bronze — se as pessoas, nas festas de pessoas, põem flores nas jarras, as flores nas festas de flores devem pôr pessoas nas jarras.

— Ah? — disse o Gladíolo.

— Temos que pôr uma pessoa na jarra de pedra — concluiu o Rapaz de Bronze.

— Mas que pessoa? — perguntou a Rosa.

— Uma pessoa que seja como uma flor — respondeu o Rapaz de Bronze.

— Não há nenhuma — disse a Rosa.

— Podia pôr-se a dona da casa — propôs o Gladíolo.

— Não parece uma flor, parece uma corça — disse o Cravo.

— Então o dono — propôs a Begónia.

— Parece um peru. Não serve — disseram os outros.

— E a filha da dona da casa? — perguntou a Orquídea.

— Não, não — disse a Rosa — parece uma rosa de plástico.

— Conheço uma senhora elegantíssima que parece uma Tulipa — disse o Gladíolo — Vi-a ontem na festa. Ficava bem numa jarra. Mas não sei onde ela mora.

— Eu — disse o Rapaz de Bronze — conheço uma pessoa que é como uma flor.

— Quem? — perguntavam as flores.

— A Florinda.

— Bravo, bravo, queremos a Florinda — disseram a Rosa, o Cravo, a Begónia, a Tulipa, a Orquídea e o Gladíolo.

Porque todas as flores adoravam a Florinda.

A Florinda tinha sete anos e era filha do jardineiro. E era parecida com todas as flores. Os seus cabelos eram loiros como a cabeleira do Girassol, os seus olhos azuis como duas violetas, as suas mãos brancas e finas como camélias, a sua pele fresca e macia como uma rosa e a sua boca vermelha

como um cravo.

— Estamos todos de acordo e está tudo combinado — concluiu o Gladíolo.

As flores despediram-se do Rapaz de Bronze e afastaram-se rindo e dançando entre o luar e as flores do jardim.

IV

A festa

No dia seguinte, quando era já noite escura, um rouxinol começou a cantar em frente da janela de Florinda.

E Florinda acordou, sacudindo os cabelos, esfregou os olhos, e disse:

— Que bem que canta este rouxinol!

— Florinda — disse o rouxinol — queres vir a uma festa maravilhosa?

— Quero — disse Florinda.

— Então vem comigo.

Florinda saltou da cama, desceu da janela e foi ter com o rouxinol.

Atravessaram um pomar e uma mata e chegaram ao princípio do parque.

No ar cruzavam-se as sombras das árvores.

— Parece-me que tenho medo — murmurou Florinda.

— Não tenhas medo. Eu tomo conta de ti — disse ao lado dela uma voz.

Florinda voltou-se e viu um rapaz alto, lindo e verde.

— Ah! disse ela. És o Rapaz de Bronze. Eu pensava que tu não sabias falar, pensava que eras uma estátua.

— De dia — disse o Rapaz — sou uma estátua. Mas de noite sou uma pessoa e sou Rei deste jardim.

— Então — pediu Florinda — leva-me contigo a ver a festa.

E foram os dois através do parque e chegaram à clareira.

— A festa é aqui — disse o Rapaz de Bronze — mas ainda não começou.

O lago já estava rodeado de pirilampos.

— Que lindo! — disse Florinda — Puseram um colar de luzes à roda do lago!

— O teu lugar é ali — disse o Rapaz de Bronze mostrando-lhe a jarra de

pedra.

— Ali, porquê? — perguntou ela.

— Porque pareces uma flor.

Florinda riu e disse:

— Então põe-me na jarra.

E o Rapaz verde pegou nela ao colo e pô-la na jarra e sentou-se ao seu lado.

— Vai começar a festa? — perguntou Florinda.

— Vai — disse ele.

E fez um gesto com a mão e os rouxinóis e os pica-paus, as rãs, os sapos e os moscardos e os melros e os cucos começaram a cantar.

Então na orla da clareira apareceu o Gladíolo.

E Florinda vendo um Gladíolo a caminhar para ela suspirou e disse:

— A noite é fantástica e diferente!

— A noite — disse o Rapaz de Bronze — é o dia das coisas. É o dia das flores, das plantas e das estátuas. De dia somos imóveis e estamos presos. Mas de noite somos livres e dançamos.

O Gladíolo parou no centro da clareira em frente da jarra de pedra e fez uma reverência.

— Olá, Gladíolo, — disse Florinda — gosto muito de te ver a caminhar como uma pessoa.

— E eu — disse o Gladíolo fazendo outra reverência — gosto muito de te ver numa jarra como uma flor.

— Olhem, olhem — disse Florinda apontando com o dedo.

Eram as rosas e os cravos que tinham chegado. E logo a seguir chegaram os malmequeres, os narcisos, os lírios, as papoilas, os miosótis, os girassóis, as camélias, as urzes, as margaridas, os amores perfeitos, as glicínias.

As flores de estufa chegaram um pouco depois.

O Gladíolo foi dançar com a Begónia.

A Tulipa ainda não tinha chegado.

Florinda ria sentada na beira da jarra e batia palmas de alegria.

As danças das flores eram extraordinárias, leves e lentas.

Primeiro as flores formavam uma grande roda. Depois a roda desfazia-se e transformava-se em estrela. E o lugar onde Florinda estava era o centro da

roda e o centro da estrela. Mas logo a estrela girando, leve e lenta, se dividia em muitas estrelas. Depois cada estrela ia formando uma nova figura: umas transformavam-se em círculos, outras em losangos, outras em figuras mais complicadas. E cada vez que aparecia uma figura nova Florinda dizia:

— Ah!

E o Rapaz de Bronze ia-lhe dizendo os nomes das figuras da dança.

Por fim, girando lentamente, as flores tornaram a formar uma grande roda, e a dança acabou.

Continuamente da escuridão do parque surgiam mais flores.

Mas a Tulipa ainda não tinha chegado.

— As danças das flores são extraordinárias e diferentes — disse Florinda. — Eu dantes não sabia que as flores dançavam. Na escola ensinam-me muitas coisas. Mas isto não me tinham ensinado.

— Não te ensinaram porque não sabiam. Poucas pessoas sabem estas coisas.

— Ah! — disse Florinda.

E começou uma nova dança.

Mas o Gladíolo não dançou. Estava preocupado com o atraso da Tulipa. Encostou-se à jarra de pedra a ver dançar.

— Porque é que não danças? — perguntou-lhe o Rapaz de Bronze.

— Estou preocupado. A Tulipa ainda não chegou. Tenho medo que tenha acontecido alguma coisa.

— Espera um instante; não lhe aconteceu nada. Já sabes que a Tulipa chega sempre atrasada.

E no fim da terceira dança a Tulipa chegou.

Vinha linda, alta e direita, com o seu vestido amarelo todo liso e brilhante.

O Gladíolo precipitou-se ao seu encontro e pediu-lhe que viesse dançar ao lado dele.

Mas a Tulipa disse que não queria dançar e foi-se pôr na beira do lago e sobre a água boiava o seu reflexo de oiro à luz dos pirilampos.

Vieram outras flores convidá-la para dançar, mas ela dizia sempre que não. E as flores iam-se embora.

Só o Gladíolo ficou ao lado da Tulipa a fazer-lhe conversa. Mas ela mal

o ouvia: mirava o seu reflexo na água.

—Sabes— dizia Florinda ao Rapaz de Bronze —em frente da minha janela há uma tília. E no Verão, quando durmo com a janela aberta, antes de adormecer olho para a tília e vejo as folhas da tília a dançar, vejo-as fazer sinais umas às outras e oiço-as conversar, e oiço um murmúrio de segredos. E de dia conto isto às pessoas. Mas todos dizem: —as folhas não conversam nem fazem sinais. É o vento que faz mexer as folhas.

—Florinda— disse o Rapaz de Bronze —vou-te ensinar um grande segredo: quando tu vires uma coisa acredita nela, mesmo que todos digam que não é verdade.

A Flor do Muguet, branca e pequenina, leve como a brisa, dançava todas as danças. E as suas campânulas baloiçavam perfumando a noite.

—Se eu fosse flor— dizia Florinda —queria ser a Flor do Muguet e estar escondida na erva dentro de duas folhas verdes.

—A Flor do Muguet— disse o Rapaz de Bronze —esconde-se entre as suas folhas para que ninguém a veja porque não quer ser colhida. Mas o seu perfume espalha-se no ar e por isso as pessoas caminham atrás dele e descobrem e colhem a flor escondida.

A Tulipa, quase sem ouvir o que dizia o Gladíolo, continuava a olhar-se no lago. E quando assim estava viu dançar na água um reflexo branco que vinha ao encontro do seu reflexo de oiro. E no mesmo instante sentiu em roda um perfume extraordinário: olhou e viu um Nardo.

—Tulipa— disse o Nardo —o teu vestido é lindo. Vem dançar comigo.

—Vou!— disse a Tulipa tonta de perfume.

—O quê, o quê? Tinhas dito que não querias dançar!— exclamou o Gladíolo indignado.

Mas a Tulipa nem ouviu.

Todas as flores se espantaram de ver a Tulipa a dançar. Dançava alta e

direita e baloiçava na haste fina o seu vestido amarelo muito esticado e brilhante.

O Gladíolo foi-se encostar à jarra de pedra com um ar amachucado e sozinho.

— É uma festa linda — disse-lhe Florinda.

— A tua ideia foi óptima — disse-lhe o Rapaz de Bronze.

— Tem corrido tudo muito, muito bem. Mas estou preocupado por causa da Tulipa. Tenho medo que lhe faça mal dançar com o Nardo. O perfume do Nardo é forte demais, enjoa e faz tonturas. Com certeza, no fim desta dança ela vai-se sentir mal. Nós, as flores sem perfume, somos muito delicadas.

Mas a Tulipa dançou três danças seguidas com o Nardo.

No fim da terceira dança passou perto deles a Flor do Muguet.

— Que perfume é este? — perguntou o Nardo.

— É o perfume da Flor do Muguet — disse a Tulipa.

— Nunca vi a Flor do Muguet!

— Ela nunca se vê, está sempre escondida entre as suas folhas.

— Quero vê-la — disse o Nardo.

E deixando a Tulipa foi atrás do perfume.

A noite já ia alta e a lua tinha desaparecido.

Em redor da clareira o parque tinha ficado mais escuro e no céu viam-se melhor as estrelas.

O Nardo levou a Flor do Muguet para a beira do lago.

— Antes de te encontrar — dizia ele — eu julgava que nenhuma flor era tão perfumada como eu. Às vezes a brisa da tarde trazia um pouco do teu perfume até ao canteiro onde eu moro. Eu pensava: «É o perfume da Primavera»; mas agora conheci-te e sei que este perfume maravilhoso és tu e não a Primavera.

A Tulipa não dançou mais. Voltou para o seu lugar na outra margem do lago. O Gladíolo pôs-se ao pé dela conversando e fazendo-lhe companhia.

Mas ela não ouvia as suas palavras. Olhava, no outro lado da água, os reflexos brancos do Nardo e da Flor do Muguet que ondulavam levemente, longe do seu reflexo doirado.

— Porque é que foste dançar com o Nardo? — perguntou o Gladíolo. — O perfume dele é tão enjoativo!

Mas a Tulipa nem lhe respondia.

— Nunca, nunca vi uma festa tão bonita! — disse Florinda. — Tudo aqui é fantástico e diferente. As flores estão vivas: caminham, falam e dançam. E eu sou uma flor. Poiso a minha cabeça na doçura da noite e as minhas mãos são frescas e perfumadas. E o Cravo, a Rosa, o Nenúfar e o Junquilho dizem: «Olhem como Florinda está bonita na sua jarra!»

Mas de repente Florinda calou-se. Porque outra voz, alta, clara, direita, atravessava o parque.

As flores ouvindo aquela voz estremeceram. Pararam de dançar e ficaram imóveis e suspensas.

— É o galo — disse o Rapaz de Bronze — é o cantõ do galo anunciando o fim da noite.

E de repente, numa grande confusão, as flores começaram a correr para todos os lados e giravam sobre si próprias em grandes voltas como as folhas do Outono quando o vento as faz rodopiar no chão.

E, num momento, desapareceram todas. A clareira ficou vazia.

— Ah? — disse Florinda. — As flores fugiram.

— Cantou o galo, vai nascer o dia — disse o Rapaz de Bronze. — As flores voltaram para os seus canteiros.

— Que estrela é aquela, tão bonita e tão brilhante! — perguntou Florinda apontando com o dedo.

— É Vénus, a estrela da manhã.

— Rapaz de Bronze, conta-me as histórias das estrelas — pediu Florinda poisando a sua cabeça no ombro do Rapaz.

Mas ele não contou mais nada. Porque viu que Florinda cansada tinha adormecido. E com muito cuidado pegou nela ao colo, desceu da jarra e levando-a nos seus braços caminhou através do parque.

Em volta deles nasciam da terra as primeiras brumas da madrugada. Os

passos do Rapaz faziam estalar no chão os ramos secos. O parque escuro ia clareando muito devagar.

Por fim chegaram à casa do jardineiro. O Rapaz de Bronze subiu pela janela e estendeu sobre a cama Florinda adormecida.

— Adeus Florinda — murmurou ele.

E saiu pela janela.

Atravessou rapidamente o jardim e o parque e voltou para o seu lugar na ilha de fetos e pedras no meio do lago redondo. Quando o Sol nasceu transformou-se em estátua.

Nessa manhã Florinda dormiu até muito tarde. A mãe veio acordá-la.

— Depressa, Florinda, são horas da escola, estás atrasada.

E meia a dormir Florinda lavou-se, vestiu-se, bebeu o leite, pegou no pão e no saco e foi a correr para a escola.

Pelo caminho começou a lembrar-se. Começou a lembrar-se da festa, do Gladíolo, do Rapaz de Bronze e das flores.

E durante a aula não conseguiu ouvir a lição porque só pensava na festa maravilhosa.

No recreio contou tudo às amigas. Mas elas disseram:

— Isso foi um sonho. As flores não falam, nem dançam e as estátuas não se mexem.

— De noite é tudo diferente — explicou Florinda.

Mas as amigas riram e fizeram troça dela.

Então Florinda começou a pensar que talvez elas tivessem razão.

E nessa tarde depois da escola foi passear para o jardim e para o parque.

As flores estavam quietas e mudas nos canteiros. Só baloiçavam quando passava o vento.

Florinda foi até ao lago redondo. Sob as grandes sombras verdes das árvores, na sua ilha de pedras e de fetos, o Rapaz de Bronze estava imóvel e calado.

— Sou eu, Rapaz de Bronze — disse-lhe ela — faz um gesto, diz uma palavra.

Mas o Rapaz de Bronze não se moveu.